

Considerações sobre a Leitura Popular da Bíblia hoje:

A densidade epistemológica do sentimento evangélico de Brasil

Resumo:

Este artigo explora a transformação da "leitura popular" da Bíblia no Brasil, abordando a relação entre a experiência de fé e a produção teológica, com foco na Teologia da Libertação (TdL) e no crescimento do evangelicalismo. A TdL, surgida nas lutas sociais da América Latina, utilizava a Bíblia para interpretar a realidade e promover a esperança de transformação social. Essa leitura conectava-se à realidade dos marginalizados, oferecendo respostas aos seus problemas. No entanto, o cenário religioso mudou. O evangelicalismo, com sua ênfase na Bíblia, no poder de Jesus e na promessa de prosperidade, oferece um novo senso de pertencimento. A "leitura popular" da Bíblia, ainda central, se adapta às demandas contemporâneas, assumindo novos significados. O autor, analisando Pablo Richard, Elsa Tamez e Hugo Assmann, discute a "densidade epistemológica" da experiência evangélica, que, apesar de conservadora, ressoa com os deserdados, atendendo suas necessidades atuais. O artigo demonstra como a fé se reinventa, adaptando-se ao contexto social em constante mudança.

Palavras-chave: Leitura popular da Bíblia; Teologia da Libertação; Evangelicalismo; Brasil; Experiência de fé; Densidade epistemológica.

Abstract:

This article examines the evolution of popular Bible reading practices in Brazil, focusing on the relationship between individual spiritual experiences and theological discourse, particularly with the rise of Liberation Theology (TdL) and evangelicalism. TdL, emerging from Latin American social struggles, used the Bible to interpret reality and envision hope for social change. This "popular reading" was tied to the experiences of the marginalized, providing insights and solutions within the sacred text. However, the religious landscape has transformed. Evangelicalism, emphasizing the Bible, Jesus' power, and the promise of prosperity, offers a new sense of community in a fragmented world. The "popular reading" of the Bible has shifted to meet contemporary demands, acquiring new meanings. The article discusses authors like Pablo Richard, Elsa Tamez, and Hugo Assmann, focusing on the "epistemological density" of evangelical experience, which, despite its conservative nature, resonates with the disinherited and responds to modern needs.

Keywords: Popular Bible reading; Liberation Theology; Evangelicalism; Brazil; Faith experience; Epistemological density.

1. Introdução

Em tempos de pouca leitura o texto bíblico não é deixado de lado. Nos bairros periféricos das grandes cidades e nas pequenas cidades do interior, as poucas livrarias que sobrevivem são muitas vezes as evangélicas. O alemão Ernst Bloch já argumentou que a força do texto bíblico, em sentido de dispersão e interesse popular, reside na sua origem igualmente popular, é claro, lavada por toda uma história da sua escrita. Bloch relê os estudos bíblicos de sua época e encontra uma luta de classes no texto, haveria nele uma memória dos dominados, que passara imperceptível pelos crivos dos donos do poder e do saber, nessa memória reside a força histórica do texto bíblico. O texto continuar a ganhar novas sentidos na vida das pessoas durante mais de 1600 anos desde o fechamento do cânon, no Terceiro Concílio de Cartago; a relação dos populares com o texto produz e reproduz modos de vida e sobrevivência, e é por conta da memória popular que ele ganha sentido na vida popular. Bloch acredita que aí está, também, a janela de possibilidade de uma leitura revolucionária do texto bíblico. Ao mesmo tempo que ele publicara o seu livro *Ateísmo no cristianismo* (1968), na América Latina

¹ Graduado em teologia (FLAM), Mestre em Ciências da Religião (UMESP), andrevscastro@outlook.com.

começavam a surgir diversos movimentos de base que refaziam a leitura bíblica e encontravam nesse texto razões para a luta de libertação. E era na releitura do texto bíblico que essa nova experiência de cristianismo se validava.

Embora o Cristianismo de Libertação (CdL) tenha perdido vitalidade, a conexão do texto bíblico com a vida das pessoas permanece forte nas periferias do Brasil, onde novas formas de cristianismo, agora evangélicas, emergem. Apesar das diferenças teológicas entre teólogos da libertação e pastores evangélicos, ambos compartilham a centralidade do texto bíblico, adotando a Bíblia como única regra de fé e prática. Nas Comunidades Eclesiais de Base, a leitura bíblica comunitária era fundamental, o movimento de retorno ao texto bíblico é comum a ambos. Esse retorno à tradição de fé, simbolizada pela Bíblia, orienta aqueles que desejam seguir esse caminho atualmente, pois a Bíblia é vista como o espaço de revelação de Deus. O retorno ao texto bíblico fortalecia a experiência de fé dos cristãos de libertação, dava fundamento, onde a interpretação bíblica é moldada pela “experiência espiritual”.

Este artigo explora como essa leitura popular da Bíblia, entendida historicamente, funcionou como uma parte relevante do Cristianismo de Libertação. A partir das reflexões de teólogos como Pablo Richard, Elsa Tamez e Hugo Assmann, discutiremos a como essa leitura se conecta com a TdL, apresentando a relação entre a experiência de fé dos crentes e a reflexão propriamente bíblico-teológica. A partir dessa interpretação, vamos fazer uma leitura das mudanças no cenário religioso e social da América Latina, especialmente com o crescimento do campo evangélico e sua relação com a Bíblia, a partir da interpretação de João Décio Passos.

2. A densidade epistemológica na Escola DEI

Ao se propor explicar a TdL, Pablo Richard destaca sua fundação na experiência espiritual do povo pobre e crente. Dividindo a própria TdL em três momentos diferentes, ele entende que o primeiro nível — a experiência espiritual — é o mais crucial, já que a verdadeira teologia emerge não de abstrações teóricas, mas da vivência concreta das pessoas em seus contextos de sobrevivência. A experiência de Deus como "o Deus dos pobres" é central aqui; essa concepção divina é diretamente informada pelo contato diário com as realidades de pobreza e exclusão. Segundo Richard, é no encontro íntimo e pessoal com os marginalizados que o divino se revela mais claramente. A fé, nesse contexto, transcende a dimensão meramente doutrinária ou ritualística, assumindo uma qualidade transformadora e revolucionária. O povo pobre, ao experimentar sua fé, torna-se um sujeito ativo de sua própria libertação teológica e social (RICHARD, 1985, p. 95-6).

O segundo nível discutido por Richard reflete a institucionalização e a sistematização da fé nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estas comunidades são vistas como o laboratório onde a Teologia da Libertação é continuamente testada, desenvolvida e comunicada. Em outras palavras, as CEBs funcionam como um microcosmo onde a interação entre a fé e a prática social pode ser explorada e aprofundada. Richard enfatiza que é através do engajamento ativo dessas comunidades no mundo — não apenas como receptores passivos da teologia, mas como seus principais intérpretes e inovadores — que a Teologia da Libertação ganha corpo e substância. Este processo orgânico garante que a teologia permaneça relevante e responsiva às questões urgentes de justiça e equidade, refletindo as necessidades e aspirações das pessoas que estão na base da Igreja e da sociedade. Para Richard é exatamente nesse nível comunitário das CEBs que a leitura bíblica é produzida, e ela nasce da experiência espiritual do povo em luta.

A assim chamada releitura bíblica apresenta-se também de uma maneira distinta a partir da experiência teológica das CEBs. A releitura bíblica não é simplesmente a explicação ou comentário de um texto bíblico, mas seu objetivo imediato é a

comunicação da experiência de Deus vivida em nossa história e que foi previamente discernida pela leitura bíblica. Essa comunicação espiritual é feita normalmente através da releitura ou "recriação" de um texto bíblico, mas o objetivo da releitura não é comentar esse texto bíblico, mas comunicar a experiência de Deus discernida no mundo dos pobres. O objetivo final da releitura bíblica não é interno à própria Bíblia, mas interno à experiência espiritual vivida e comunicada no coração da história dos pobres. A Bíblia nos revela onde e como Deus se nos revela hoje (e assim utilizamos a Bíblia como critério de discernimento da Palavra de Deus), e esta revelação da Palavra de Deus a comunicamos em uma releitura bíblica (e assim utilizamos a Bíblia como meio de comunicação de uma experiência espiritual vivida na história). O absoluto neste processo de interpretação da Bíblia é a experiência de Deus na profundidade espiritual de nossa história. O relativo é a utilização da Bíblia em função dessa experiência espiritual (RICHARD, 1985, p. 100).

A experiência espiritual dá sentido para a forma como se lê o texto bíblico. Esse sentido que a experiência de fé dá a própria forma de lê a bíblia marca na própria reflexão bíblica a experiência da vida daqueles que creem. Assim, no terceiro nível, Richard aborda a Teologia da Libertação como uma disciplina acadêmica, que interage com a teologia universal e outras ciências para enriquecer e ser enriquecida a partir dessa revelação postulada na vida dos crentes. Este nível profissional é essencial para a legitimidade e o desenvolvimento intelectual da TdL, pois permite um diálogo construtivo com teólogos, acadêmicos e movimentos sociais ao redor do mundo. A integração de metodologias acadêmicas rigorosas e a articulação com teorias contemporâneas são vistas por Richard como fundamentais para que a TdL não se torne isolada ou paroquial. Mas é indubitavelmente secundária em relação aos dois níveis iniciais, sendo um resultado desse (RICHARD, 1985, p. 103-5).

Em certo sentido, Elsa Tamez continua essa reflexão de Richard, focando na parte da Teologia Bíblica. Ela destaca a importância de reconhecer esses níveis da reflexão, apontando que na pesquisa bíblica é crucial prestar atenção na maneira como as comunidades populares produzem significado. Embora as contribuições dessas comunidades sejam frequentemente de natureza intuitiva, ela aponta que os biblistas precisam reconhecer que é precisamente nessa intuição que existe relevância para a reflexão bíblica, a qual é posteriormente incorporada ao estudo rigoroso do texto bíblico (TAMEZ, 2001).

Tamez identifica três níveis principais de interpretação: acadêmico, médio e de base. O nível acadêmico é o domínio dos biblistas profissionais, que utilizam métodos exegéticos e investigam o contexto cultural, social, político e econômico da época dos textos. A produção neste nível é geralmente escrita e técnica. O nível médio abriga agentes de pastoral que, através de oficinas de formação bíblica, se preparam com rigor acadêmico, visando disseminar o estudo da Bíblia em uma escala mais ampla entre os setores de base. A produção pode ser escrita, mas em um estilo mais acessível e criativo, podendo ser discursiva ou poética. No nível de base, as comunidades redescobrem os significados dos textos. Embora não seja considerada pesquisa bíblica em sentido estrito, há uma significativa produção de sentido baseada na intuição, predominantemente oral, narrativa, poética ou cantada. A reflexão dos níveis acadêmico e médio visa valorizar e produzir teologia a partir das intuições do nível de base. Assim, a leitura bíblica se torna popular quando é feita pela experiência da luta popular e, ao ser refletida com instrumentos teóricos, transforma-se em teologia. (TAMEZ, 2001, p. 25-6).

Essa proposta de Tamez tem uma similaridade indiscutível com a de Richard, os dois, por sua vez, fazem releituras de algumas considerações que Hugo Assmann fez ainda nos anos 70, no seu clássico *Teologia desde la praxis de liberacion* (1973). Nesse livro, Assmann sugere que o papel da teologia é articular teologicamente as esperanças libertadoras e não debater teoricamente o que significa libertação. Em suas palavras,

O que nos parece oportuno repetir mais uma vez é a urgente necessidade de descer ao concreto dos testemunhos cristãos, que refletem um compromisso circunstanciado e consequente, e transformá-los no material mais precioso da reflexão sobre os desafios que historicamente nossa fé nos coloca. Elevá-los a *locus theologicus* primordial. Porque, de fato, não faz sentido discutir abstratamente problemas como o proposto pelo título deste texto, se não conduzem ao único que conta: nossa opção efetiva pela libertação dos oprimidos (ASSMANN, 1973, p. 138).

Ou seja, lá nos testemunhos, na experiência de fé, na experiência espiritual, que reside o sentido último da reflexão teológica. E talvez tenha sido Assmann o primeiro a sugerir essa leitura que privilegia a própria experiência espiritual do povo enquanto produção de sentido de totalidade a partir da experiência vivida, que

significa não se eximir de situar a reflexão teológica onde todo processo de conscientização humano-histórica deve estar, ou seja, na contextura real dos fatos. Isso envolve tanto a amplitude das interferências de tipo internacional quanto a concretude da estratégia e da tática política elaboradas a partir de uma situação determinada. *É necessário aceitar o jogo real da história em sua dialética concreta para poder tocar interpretativamente os centros emocionais dos universos simbólicos em ebulição* (ASSMANN, 1973, p. 72-3, itálico nosso).

O que importa à teologia e à interpretação bíblica não é apenas o conceito ou a interpretação do texto, mas como essa postulação teológica se relaciona com a experiência dos crentes. Para abordar essa relação, Assmann identifica, na teologia de Rahner, elementos que, reinterpretados à luz da experiência latino-americana, oferecem subsídios significativos. Sem pretensões ontológicas sobre a estrutura abstrata da experiência religiosa, o ponto central dessa releitura é a ideia de 'mistério-sentido': a experiência do divino não se dá em um plano distante e abstrato, mas se manifesta na própria história humana, na busca por sentido no mundo. A fé, segundo Assmann, surge como uma resposta ao 'tempo urgente' da história latino-americana, marcada por crises sociais e políticas profundas que exigem ação e transformação. Essa experiência é denominada 'primado do político' e é caracterizada pela consciência aguda da necessidade de romper com estruturas desumanizadoras.

Assmann argumenta que a busca por sentido e a transformação da realidade estão ligadas à experiência do divino. A fé, longe de ser um escape, é um caminho de encontro com o mistério na luta, integrando toda a existência na experiência da esperança. Esse "mistério-sentido" é essencial para o sujeito, que, ao enfrentar o enigma da existência, encontra respostas no sentido que nomeia Deus. Enquanto Rahner coloca o mistério de Deus como horizonte da experiência humana, conferindo sentido à existência, Assmann historiciza essa ideia, afirmando que o mistério se manifesta na história humana. É na luta contra as contradições de um mundo opressor que o sujeito encontra sentido para sua existência. Assmann explora a relação entre sujeito e mistério distinguindo a revelação transcendental, a experiência primordial do divino como fundamento da existência humana, e a revelação categorial, que se dá na experiência histórica e concreta da fé. É na práxis, na ação transformadora no mundo, que o mistério se revela e a fé se concretiza.

A revelação categorial, segundo Assmann, ocorre por meio de signos e símbolos que ajudam o sujeito a entender e articular a experiência transcendental. No entanto, esses signos não são neutros; são moldados por experiências, tradições e lutas de um povo. Na Teologia da Libertação, os signos da revelação se manifestam na experiência da opressão e na luta por um futuro libertador. Assmann, imerso na experiência do Cristianismo de Libertação, dialoga com a teologia de Rahner, destacando a busca de significado na vida cotidiana, especialmente no contexto do "tempo urgente". Essa busca é alimentada pela "revelação transcendental", que,

embora inominável, se revela através da "revelação categorial", que proporciona uma experiência de uma realidade profunda.

Assim, a revelação categorial se torna a forma de o sujeito crente acessar o "totum utópico agora", a vivência do "céu terreno" que o motiva a agir. Em uma inversão, as ações necessárias para a sobrevivência geram uma imaginação transcendental que organiza o sentido dessas ações. Essa densidade epistemológica da práxis deve ser a força motriz para a reflexão teológica. É a fé que confere significado ao percurso da vida, sedimentando a experiência vivida na esperança. Nesse sentido, Assmann critica o esquema de ver, julgar e agir, enfatizando a importância de uma reflexão que considere as experiências concretas dos indivíduos:

A análise da realidade tem sido feita pelos grupos cristãos a partir do esquema tripartido: ver, julgar e agir. Na América Latina, atualmente se rejeita este esquema porque se considera que a análise da realidade já faz parte da palavra interpeladora de Deus. A palavra de Deus não está desligada das mediações concretas, a densidade epistemológica da práxis faz parte de tal palavra. Não existe, portanto, uma palavra de Deus em si, como pairando por cima da realidade (ASSMANN, 1974, p. 341).

A divisão que o tal método faz na experiência não era parte das próprias experiências dos cristãos de libertação, esses já encontravam a palavra na própria análise da realidade. No fundo que perfazia a própria práxis se encontrava um horizonte de sentido, que aqui com o auxílio dos termos Rahnerianos, o "mistério-sentido". A partir dessa densidade epistemológica se faz possível acessar a revelação de Deus, que não está nos signos da tradição de fé, mas no significado da ação. Assim ganha mais sentido a afirmação de Richard:

O objetivo final da releitura bíblica não é interno à própria Bíblia, mas interno à experiência espiritual vivida e comunicada no coração da história dos pobres. [...] O absoluto neste processo de interpretação da Bíblia é a experiência de Deus na profundidade espiritual de nossa história. O relativo é a utilização da Bíblia em função dessa experiência espiritual (RICHARD, 1985, p. 100).

A Bíblia, interpretada pela experiência de fé, adquire novos significados, mesmo utilizando os mesmos signos. Este retrospecto metodológico visa esclarecer as postulações que serão apresentadas ao longo do artigo. As considerações sobre o papel das ideias teológicas são organizadas conforme essa introdução. Em suma, a modulação teológica propõe uma mudança na experiência da esperança, que, por sua vez, formaliza a história situada em termos positivados, conforme sugerido por nossa leitura de Assmann.

Assim, temos: totalidade como revelação transcendental; horizonte como revelação categorial; e história situada como experiência sensível. A teologia representa a totalidade e a forma como se denomina Deus. A experiência religiosa, ou experiência da esperança (termo a ser definido), funciona como horizonte e revelação categorial, onde a teologia se conecta com a vida do crente. A história situada é a experiência sensível que ganha significado em Deus, mediada pela experiência da esperança. A imaginação religiosa refere-se à produção dessa mediação entre a totalidade de sentido, que se manifesta nas descrições teológicas, e a experiência sensível. É o crente que gera essa mediação, e é sobre esse processo que buscamos investigar, a fim de compreender melhor sua história concreta, que se materializa em seu "céu terreno".²

A teologia, desse modo, não deve apontar teoricamente qual é a verdade abstrata sobre Deus, mas entende como os crentes então produzindo sua totalidade de sentido e vivencia suas

² Para maiores clarificações sobre essas considerações conferir minha dissertação.

experiências de esperança, essa imaginação religiosa está subordinada a uma ética da situação, ou seja, aquilo que precisa se fazer para sobreviver produz ao mesmo tempo a própria totalidade onde aquela ação ganha sentido em uma experiência religiosa. A ação popular, no caso, a luta por demandas que podem ser configuradas como do campo democráticos popular eram vividas em um horizonte de sentido que faziam elas serem uma luta pela antecipação do Reino de Deus.

E é exatamente sobre essa dinâmica que Pablo Richard chamou de experiência espiritual fundante de TdL. O nível organizacional tinha razão a partir dessa experiência e a teologia acadêmica também. A centralidade está na experiência espiritual que dá sentido a ação. E ao que parece, essa experiência espiritual perdeu seu vigor. Mas não significa que o povo pobre cristão latino-americano perdeu sua fé. Mas está a vivenciando de outro modo. E seguindo essas considerações, poderíamos pensar que estão produzindo outro sentido de totalidade a partir de uma outra história situada, que por sua vez estrutura uma rede de esperanças diferentes da TdL.

Ainda no teólogo Brasileiro, alguns anos mais tarde, ao refletir sobre a ascensão do evangelicalismo “fundamentalista”, em *La Iglesia electrónica y su impacto en América Latina* (1988), Assmann propôs que uma das maneiras mais eficazes de compreender a adesão das massas empobrecidas a esse movimento seria analisar a conexão entre a mensagem religiosa e suas expressões simbólicas com a vida cotidiana dos oprimidos. Em particular, ele destacou como essas pessoas, que enfrentam diversas privações, vivenciam o sagrado (ASSMANN, 1988, p. 135-6). Poderíamos inverter essa leitura, a partir da própria interpretação entre fé e práxis de Assmann que apresentamos, e entender que a maneira como esses oprimidos transformaram suas vidas produziu experiências de esperança a partir de outras totalidades de sentido.

Voltando a o já citado texto de Elsa Tamez. Inspirada em uma narrativa Maia, a autora reflete sobre o termo "imensidão", evocando a ideia de algo que transcende nossa capacidade de compreensão, como a vastidão das estrelas no céu ou o incontável número de grãos de areia numa praia. Similarmente, a palavra "imensidão" está envolta em mistério, assim como a palavra "ausência": Na América Latina e no Caribe, vive-se sob um céu desprovido de estrelas. "Ausência", e seus sinônimos como falta, privação, omissão, distância, separação, partida, abandono, retirada e fuga, parece descrever precisamente nossa realidade. Anteriormente, mesmo na falta de pão, trabalho e paz, havia esperança inspirada pela imensidão estrelada, um convite para sonhar com um Deus libertador. Contudo, a globalização parece ter devastado essas esperanças (TAMEZ, 2001).

Indubitavelmente, a década de noventa apresenta um cenário distinto em relação aos anos oitenta. Apesar de uma realidade mais miserável, o ímpeto de luta e a crença na mudança social parecem ter desaparecido, como se estivéssemos sob uma ordem de recolher. Sem os faróis que guiavam a luta, restaram apenas faróis de sobrevivência, marcados pelas batalhas de negros, mulheres e indígenas. A reflexão nas comunidades de fé, que antes servia como guia, encontrava esperanças nas escrituras, reminiscências das estrelas. Assim, a interpretação bíblica emergia da intuição popular, com estágios de reflexão teórica e retorno à base, fortalecendo a luta original. A dialética da interpretação popular fazia sentido enquanto havia "estrelas-guias" discerníveis na experiência social. Essas estrelas são o que Richard chama de experiência espiritual, a partir da qual o texto bíblico ganha um sentido relevante, formando uma totalidade dentro de uma experiência de esperança, conforme Assmann.

Nossa análise até agora focou na relação entre a experiência de fé e a produção da reflexão bíblica no contexto da Teologia da Libertação (TdL). Essa abordagem destaca a conexão entre dogma e ética, priorizando os conteúdos que emergem das esperanças concretas do povo em vez dos postulados teológicos tradicionais. Nesse cenário, o conteúdo teológico é produzido pelo sujeito político-teológico, representado pelo "povo pobre em vias de sua libertação" na TdL. A partir dessa experiência espiritual, as estrelas que guiavam o caminho formavam o sujeito

coletivo que dá sentido à prática necessária para sua sobrevivência. A TdL, ao tratar os testemunhos dessa fé comunitária como *locus teológico*, coloca a experiência dos marginalizados no centro do debate como espaço de interpretação do real.

Contudo, o fim das estrelas parece ter resultado na desarticulação dessa experiência cristã. O sentido de totalidade não coincide mais com a vivência sensível dos marginalizados. No entanto, outras formas de produzir sentido surgiram. A experiência religiosa popular ganhou novos contornos, sem abandonar a Bíblia, mas recontextualizando-a na experiência de fé, que também passou a ter novos matizes. Estamos falando da transição para o tempo evangélico.

3. A passagem ao tempo evangélico

O período desenvolvimentista³ aglutinou 80% da população Brasileira nas grandes cidades prometendo a entrada na modernidade; o país que desde sua formação colonial era rural, vai ter uma significativa mudança nesse processo. A concentração urbana, ao modificar a vida das pessoas, fazendo com que ela produzisse novas formas de esperanças e novas imagens utópicas fossem necessárias para dar conta dessa experiência nas grandes cidades. Essa passagem impactou profundamente a maneira como a população lidava com suas esperanças e expectativas religiosas. O que apontamos no tópico anterior sobre a TdL já demonstrou à sua maneira a forma como o Cristianismo de Libertação se relacionava com o próprio processo de modernização e a relação entre esse campo popular, da qual ela fazia parte, com esse momento nacional. Mas nos mesmos processos também houve outras experiências de cristianismo que começaram a ganhar força, especialmente nas periferias, como o pentecostalismo. É na tentativa de identificar essa passagem rural-urbano que João Décio Passos dedica sua pesquisa de doutorado. No caso, em seus termos, a passagem do catolicismo popular para o pentecostalismo enquanto a denotação de uma passagem do rural ao urbano.⁴

O catolicismo popular no Brasil é fruto de uma interação histórica entre o poder político, representado pelo regime do Padroado, a Igreja com seus agentes especializados e o povo com suas necessidades reais. Essa forma de religiosidade é marcada por uma dialética de introjeção e resistência, combinando dominação e autonomia, e se constitui como um sistema contraditório de crenças moldado pela agregação de elementos, valores e práticas que refletem tanto a dominação quanto a resistência popular. Historicamente, esse catolicismo popular operou fora dos territórios institucionais e oficiais da Igreja, escapando do controle simbólico e político de especialistas e sacerdotes, sendo composto de resquícios do catolicismo oficial sincretizados e com significados próprios moldados pela vivência do povo. Trata-se de uma religiosidade espontânea e vivida que ultrapassa as delimitações institucionais de crenças, ritos e éticas (PASSOS, 2001, p. 186).

³ O período desenvolvimentista no Brasil foi uma fase em que se buscou transformar a economia agrária e colonial em uma nação industrial moderna, impulsionada por uma visão nacionalista que visava superar o legado colonial e a dependência externa. No entanto, a industrialização se deu às custas da exploração do campo e da criação de um "exército industrial de reserva", resultando em maior desigualdade e vulnerabilidade externa. Com o tempo, a viabilidade desse projeto se mostrou insustentável diante das pressões da globalização, levando a uma fragmentação social e econômica que inviabilizou a plena integração nacional. Para maiores considerações conferir capítulo 3 de: HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Por uma teoria crítica periférica: crise, colapso e constelações no projeto da modernidade**. 2016. 332 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016

⁴ Não há dúvida que a TdL também recebia uma influência e a seu modo também modificava o catolicismo popular nas grandes cidades. O que se alterna entre os dois movimentos religiosos, CdL e evangelicalismo, é o sentido a esperança produzido. Se um encontrava uma ação profética, que acredita na redenção do mundo, o outro trabalha em chave apocalíptica e acredita e trabalha pelo fim desse mundo.

Ao longo de sua formação, o catolicismo popular no Brasil se plasmou dialeticamente com a própria cultura brasileira, resultando em uma religiosidade que se entrelaça com a vida social, política e cultural do país, frequentemente assumindo formas invertidas e travestidas dentro de contextos religiosos. Esse catolicismo popular tem uma história própria que data da colonização portuguesa e reflete a experiência de fé daqueles inorgânicos. Para tentar conter essa forma de catolicismo, a Igreja Católica produziu um processo de renovação caracterizado pela romanização, na tentativa de trazer essa prática religiosa para mais perto dos padrões oficiais, contudo essa herança popular e sincrética seguiu viva especialmente nas zonas rurais do país (PASSOS, 2001, p. 204).

Passos propõe que a crença nos santos está profundamente conectada à vida rural, ligando o tempo cíclico dos ciclos agrícolas ao território sagrado. Os santos são associados a fases do ano e a locais específicos, como capelas e árvores, conferindo identidade e proteção às comunidades. Festas, romarias e rituais celebram os santos, renovando simbolicamente o ciclo da natureza e reforçando os laços com o território. Através de rezas e promessas, busca-se garantir a proteção e prosperidade da lavoura e da comunidade, integrando fé, tempo e espaço na vida rural, sob a intervenção divina (PASSOS, 2001, p. 224-6).

Nas grandes cidades, contudo, a função social e milagrosa dos santos enfrenta um problema. A sensação de comunidade, de laços familiares e de vizinhança, que formava o habitat natural desses santos, se dilui no ambiente urbano. Ao mesmo tempo, a crescente complexidade e os desafios da vida metropolitana aumentam a necessidade da intervenção do sagrado para solucionar os problemas que afligem seus habitantes. Em meio ao anonimato e à fragmentação social da metrópole, os santos perdem suas raízes e suas funções específicas se tornam ineficazes em um território vasto, caótico, desconhecido e, muitas vezes, hostil (PASSOS, 2001, p. 229).

A incapacidade dos santos católicos populares de atuarem eficazmente no ambiente da metrópole, desprovido das condições socioespaciais de comunidade e pertencimento que caracterizavam seu poder simbólico, alimenta o discurso iconoclasta pentecostal. Essa nova perspectiva religiosa busca um sagrado vivo e eficaz, personificado em Jesus, que assume o papel de mediador onipotente capaz de solucionar os problemas e interpretar os desafios da vida urbana. Assim, enquanto a figura do santo católico se torna anacrônica em um contexto de desenraizamento social e dispersão territorial, Jesus se apresenta como um poder supra-social, acessível e universal, respondendo à necessidade dos fiéis por uma força protetora e salvadora em meio à complexidade da metrópole (PASSOS, 2001, p. 230-1).

Essa substituição do santo católico por Jesus como figura central de poder e mediação divina se manifesta de forma contundente na valorização da Bíblia pelos pentecostais. Assim como os santos no catolicismo popular, a Bíblia se torna um objeto hierofânico, emanando força e proteção, capaz de conectar o fiel diretamente com a palavra de Deus e suas bênçãos. Portátil e onipresente, a Bíblia se adapta à dinâmica urbana, substituindo a figura localizada e especializada do santo por uma fonte inesgotável de poder e orientação. Através da leitura e interpretação da palavra bíblica, os pentecostais acessam o poder de Jesus, revivendo seus milagres e ensinamentos no presente, estabelecendo uma comunicação direta e eficaz com o divino em um contexto marcado pela imediatez e a busca por novidade. Dessa forma, a Bíblia se torna o novo "santo" polifônico e multifacetado, capaz de responder às demandas da vida moderna e oferecer aos fiéis a segurança e a orientação que buscam em um mundo em constante transformação. A Bíblia é a mediadora entre o crente e o seu Deus, aquilo que os santos já desempenharam (PASSOS, 2001, p. 232-3). Não existe evangélico sem Bíblia.

Deus continua a fazer milagres e a cuidar do seu povo, mas agora a aliança passa pela conversão. O crente se entrega para Jesus, seja com seu dinheiro para pagar a manutenção da sua igreja, com seu tempo para organização do culto e das ações evangélicas, seja com sua alma

enquanto fecha os olhos em um culto de oração e sente a sua presença. Nessa entrega se postula também a pertença a uma comunidade. Passos aponta que no contexto da metrópole, a forte coesão social presente nas comunidades pentecostais funciona como um importante fator de integração, combatendo a desintegração social e o isolamento causados pela ruptura dos laços familiares e comunitários tradicionais. Mais do que pertencerem a um território geográfico comum, os fiéis pentecostais se reconhecem como parte de uma comunidade de "eleitos e salvos", unidos por laços de irmandade e fé. Essa experiência de pertencimento grupal, que resgata e preserva o sentimento de comunidade característico da vida rural, oferece um antídoto à anomia social e à massificação da vida urbana, reconstruindo um espaço de identidade e solidariedade entre os fiéis (PASSOS, 2001, p. 237).

Essa identidade grupal de soldados é forjada em uma moral baseada em um dualismo radical entre o bem e o mal. O bem, originado em Deus e seus mediadores, se opõe ao mal, que emana do Demônio e suas manifestações, incluindo práticas religiosas consideradas pagãs, como o culto aos santos católicos e as religiões afro-brasileiras. A conversão ao pentecostalismo representa uma ruptura com o mal, prometendo aos fiéis uma vida mais próspera e feliz por meio da entrega incondicional a Jesus. Essa perspectiva maniqueísta fortalece a coesão grupal e a identidade pentecostal, demarcando limites claros entre "nós" e "eles", e oferecendo um caminho de salvação em meio aos desafios da vida urbana. O culto é o que une essa comunidade. A linguagem oral utilizada, caracterizada pela espontaneidade, repetições, expressões corporais e cantos, visa criar uma dinâmica coletiva que envolva os fiéis em um mesmo propósito. Essa linguagem vibrante e participativa permite que cada indivíduo expresse seus desejos e necessidades, construindo uma atmosfera fluida e dinâmica que caracteriza esses encontros religiosos. As falas individuais se entrelaçam, formando um tecido de expressões e emoções compartilhadas, unindo os fiéis em uma experiência comum de fé e celebração. Isso é adorar a Deus.

O culto, a adoração, a experiência da esperança do crente, a luta contra o mal e a Bíblia, considerada a espada do crente, são elementos fundamentais na vivência religiosa dos fiéis, que visam ao avivamento como culminação de sua fé. Este avivamento é percebido como o clímax de uma jornada espiritual chamada missão. Essencialmente, a missão é o mandato que Jesus deu a seus discípulos para difundirem o evangelho pelo mundo. Na visão moderna e evangélica, pregar significa engajar-se em uma espera ativa pela redenção do mundo, um esforço conduzido por membros da comunidade conhecida como igreja. Neste contexto, a igreja é concebida especificamente dentro da tradição evangélica, abarcando tanto protestantes quanto pentecostais. Apesar das diferenças doutrinárias, essas denominações partilham a convicção de que estão unidas em sua caminhada rumo a um objetivo comum. Assim, a missão denota ação, enquanto o avivamento representa o alvo a ser alcançado. Aqui, num Brasil avivado, encontra-se a esperança em tempos de desintegração.⁵ Curiosamente, é comum que igrejas evangélicas promovam eventos infantis onde crianças usam camisetas com a inscrição "Soldadinho de Cristo", refletindo o verso bíblico que aconselha: ensine a criança no caminho em que deve andar. Assim, todo crente é visto como um soldado nesta missão divina, anunciando o evangelho e aguardando o retorno glorioso de seu mestre, em busca do avivamento.⁶

A leitura bíblica está aí. Produzindo e sendo produzida pela experiência dos crentes e a produção de sentido espiritual para ela. No caso, dentro do universo de sentido evangélico que estamos tentando apresentar brevemente, mas sobre o qual o crente produz sua própria postulação de sentido. Essas interpretações da bíblia têm densidade epistemológica porque encontram eco na experiência dos deserdados que se agregam enquanto irmãos e sonham juntos. Produzem

⁵ Para uma visão sobre o que estamos chamando de desintegração, conferir Canettieri, 2023

⁶ Estamos em muito nos apoiando das considerações feitas por Carvalho (2017), especialmente no seu terceiro capítulo.

sentido de totalidade e tem sua práxis política, tem suas experiências de esperança e nelas produzem sentido para a vida. A imagem desse Brasil redimido é cantada com pulmões cheios desde 1994, mais que cantar, essa comunidade *Marcha para Jesus*⁷, seu general, que há de redimir o mundo, a começar pelos nossos corações e concluindo na nossa nação. São as palavras que proscvem essa experiência de fé, que se entende enquanto parte de uma guerra, que parece ganhar densidade epistemológica no Brasil desintegrado em pura violência. Ao falar delas, as palavras vão além e si mesmas e começam a demonstrar a experiência de fé que dá sentido de esperança para certa comunidade.

4. Conclusão

Ao longo deste artigo, analisamos a relação entre a experiência de fé popular e a produção teológica, com foco na TdL. Vimos como essa teologia, nascida da vivência dos marginalizados, foi capaz de articular um sentido de totalidade que orientava e dava significado à prática cristã em um contexto de intensas lutas sociais. Contudo, as transformações sociais e religiosas das últimas décadas, especialmente a ascensão do evangelicalismo no Brasil, apontam para uma mudança significativa na maneira como se constrói o sentido de totalidade e a experiência de esperança. Essa transição não reflete apenas uma mudança nas práticas religiosas, mas também uma reformulação da imaginação religiosa que guia a vida das pessoas. A Bíblia, nesse novo cenário, assume um papel central na mediação do sentido espiritual, substituindo figuras tradicionais como os santos do catolicismo popular. O poder de Jesus, acessado diretamente através das Escrituras, adapta-se às necessidades fragmentadas e urbanas das grandes cidades, criando uma nova forma de comunidade e pertencimento que, mesmo com seu caráter conservador, carrega uma densidade epistemológica que dialoga com as demandas contemporâneas dos fiéis. O universo de símbolos que produzem sentido e esperança na vida das pessoas já não se relaciona com esses signos do campo democrático popular. Pouco importa o sentido que damos aos textos bíblicos em nossos artigos acadêmicos, se eles não têm densidade epistemológica, não passam de palavras. Aceitemos ou não, essa é uma imaginação religiosa que, a seu modo, parece dar conta desse mundo desintegrado que os relegou.

Bibliografia

- ASSMANN, H. Conciencia cristiana y situaciones extremas en el cambio social. In: SECULARIDAD, I. F. Y. **Fe cristiana y cambio social en América Latina**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1974.
- ASSMANN, H. **La Iglesia electrónica y su impacto en América Latina**. San José: DEI, 1988.
- ASSMANN, H. **Teología desde la praxis de liberación**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1973.
- CANETTI, T. **Brasil-Catástrofe: Constelações da destruição que estamos vivendo**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2023.
- CARVALHO, Olívia Bandeira de Melo. **O mundo da música gospel entre o sagrado e o secular: disputas e negociações em torno da identidade evangélica**. Tese (Doutorado

⁷ Raquel Sant'Ana, apresenta a Marcha para Jesus como um evento que se assemelha a uma guerra, especificamente a uma "guerra de conquista". Nesse contexto, o "exército de Deus" se forma a partir da alteridade radical e da batalha espiritual. A batalha espiritual é essencial para construir a união do povo de Deus. Essa união se expressa através de ações estratégicas em diversos espaços, que vão desde a concentração no espírito — uma forma de ação e mobilização em eventos — até a ação física em locais importantes da cidade. Ela analisa o ato de declarar, enfatizando os movimentos corporais e o som que se espalha, formando um repertório evangélico em diversos ambientes, como cultos, igrejas, shows e programas de rádio, que se expandem até a rua. É nesse momento de união que os evangélicos atuam em favor de Jesus (SANT'ANA, 2017)

- em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017
- SANT'ANA, Raquel. **A nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade evangélica a partir da Marcha para Jesus**. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- PASSOS, J. D. **Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses - uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 347p. 2001.
- RICHARD, P. Para entender la teología de la liberación. In: BOFF, L. **Teología de la liberación: documentos sobre una polémica**. San José: DEI, 1985.
- TAMEZ, E. **Bajo un cielo sin estrellas: lecturas y meditaciones bíblicas**. San José: DEI, 2001.